

An abstract painting featuring a dark, textured, and somewhat monstrous figure, possibly a Minotaur, rendered in shades of black and dark grey. The figure is set against a background of white and orange-brown splatters and brushstrokes, creating a sense of movement and intensity. The overall style is expressive and modern.

# FRANZ KAFKA

## A METAMORFOSE

 Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

# A Meta- morfose FRANZ KAFKA

TRADUÇÃO:

Raquel Abi-Sâmara



Planeta minotauro

TRECHO ANTES DO PÁRA DÍVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019, 2026

Todos os direitos reservados.

Título original: *Die Verwandlung*

*Preparação:* Carla Fortino

*Revisão:* Maitê Zickuhr e Bárbara Prince

*Projeto Gráfico e Diagramação:* Marcela Badolatto

*Capa:* Fabio Oliveira

*Ilustrações de capa e miolo:* Douglas P. Lobo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Kafka, Franz, 1883-1924

A metamorfose / Franz Kafka ; tradução de Raquel Abi-Sâmara. – 2.  
ed. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.

160 p.

ISBN 978-85-422-4213-3 (edição de bolso)

Título original: *Die Verwandlung*

1. Ficção austríaca I. Título II. Abi-Sâmara, Raquel

26-1148

CDD At833

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção austríaca



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo e  
outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRÊCHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

PREFÁCIO ..... 10

I ..... 29

II ..... 65

III ..... 103

Certa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num monstruoso inseto repugnante. Deitado sobre as costas rijas como armaduras, ergueu ligeiramente a cabeça e viu sua barriga marrom e curvada, dividida em segmentos rígidos e arqueados. A manta mal cobria o ventre e estava pronta para escorregar de vez. Suas muitas pernas, miseravelmente magras em comparação com seu tamanho, tremiam diante de seus olhos, desamparadas.

*O que aconteceu comigo?*, pensou. Não era sonho. Seu quarto, um quarto comum, mas um pouco pequeno demais para um ser humano, permanecia quieto entre as quatro paredes familiares. Sobre a mesa, onde se desdobrava uma coleção de tecidos de um mostruário desempacotado - Samsa era caixeiro-viajante -, via-se a imagem de uma revista ilustrada que ele tinha recentemente recortado e posto em uma moldura dourada e bonita. Mostrava uma dama ornamentada com um chapéu e um boá de pele, sentada com aprumo, a soerguer ao espectador uma farta capa de pele, que parecia engolir inteiramente seu antebraço.

O olhar de Gregor voltou-se para a janela, e o tempo embruscado - ouvia-se o bater das gotas de chuva sobre o peitoril da janela - o deixou bastante melancólico. *Como seria se eu dormisse um pouco mais e esquecesse todos esses disparates?*, pensou. Era uma ideia, no entanto, totalmente impraticável, pois tinha o costume de dormir do lado direito, e em seu atual estado não conseguia atingir essa posição. Por mais força que fizesse para se jogar para o lado direito, balançava e acabava voltando para a posição de costas. Tentou fazer isso umas cem vezes. Fechava os olhos para não ter de ver as pernas irrequietas e só desistiu

quando passou a sentir do lado uma dor leve e velada nunca sentida antes.

*Ai meu Deus!, pensou, mas que profissão exaustiva fui escolher! Entra dia, sai dia, sempre em viagem. O alvoroço comercial é muito maior do que no próprio escritório, e, além disso, ainda me infligiram essa praga da viagem, as preocupações com as conexões de trens, a comida ruim e irregular, um convívio humano inconstante, que nunca perdura, nunca se torna afetuoso. Que tudo isso vá pro inferno! Sentiu uma coceira leve na parte superior da barriga. Arrastou-se lentamente sobre as costas para perto da cabeceira da cama, a fim de poder levantar melhor a cabeça. Achou o lugar que coçava - ocupado por um tanto de pontinhos brancos que ele não sabia como interpretar. Quis tocar com uma perna aquele ponto, mas recolheu-a logo, pois o contato lhe provocou calafrios.*

*Escorregou de volta para sua posição anterior. Essa coisa de acordar cedo, pensou, deixa a pessoa completamente apalermada. As pessoas precisam de sono. Alguns viajantes vivem como mulheres de harém. Às vezes, tenho de voltar ao hotel no meio do dia para transcrever as encomendas feitas, e vejo esses senhores sentados ainda para o café da manhã. Se eu tentasse agir desse*

*modo com meu chefe, voaria direto para a rua. Mas talvez, quem sabe, isso não seria muito bom para mim? Aliás, há muito eu já teria pedido demissão, se eu não me refreasse por causa de meus pais. Já teria ido a meu chefe e, do fundo do coração, dito tudo o que penso sobre ele. Ele cairia de sua mesa! É esquisito nele também o modo de sentar-se sobre a mesa e das alturas olhar lá para baixo, a fim de falar com seu funcionário, que, como se isso não bastasse, tem de chegar muito perto por causa da surdez do chefe. Bem, a esperança não está totalmente perdida: uma vez que eu tiver juntado o dinheiro para pagar-lhe a dívida de meus pais, daqui a uns cinco ou seis anos provavelmente, farei isso sem falta. E assim o grande corte será realizado. Agora, porém, é melhor que eu me levante, pois meu trem parte às cinco.*

E mirou o despertador que fazia tique-taque sobre a cômoda. “Pai do céu!”, exclamou. Eram seis e meia, e os ponteiros seguiam com calma, já tinham até mesmo passado da meia hora, já marcavam quase três quartos. O despertador não teria tocado? Da cama via-se que ele tinha sido programado corretamente para quatro horas. Com certeza havia tocado. Sim, mas teria sido possível continuar dormindo tranquilo com esse alarme que punha a tremer

os móveis? Ora, tranquilo certamente não havia dormido, mas talvez por isso tenha dormido mais profundamente. Mas e agora, o que deveria fazer? Às sete horas partiria o próximo trem, e para pegá-lo precisaria apressar-se insanamente. A coleção ainda não estava na mala, e ele próprio não se sentia de forma alguma disposto e ativo. E, mesmo se alcançasse o trem, a fúria do chefe não poderia ser evitada, pois o mensageiro da firma também sempre aguardava o trem das cinco e ele já teria relatado sua falta havia muito. Era um figurante do chefe, desprovido de espinha dorsal e de entendimento. E se ele reportasse agora que estava doente? Isso seria, entretanto, terrivelmente constrangedor e suspeito, pois em seus cinco anos de serviço Gregor nunca havia adoecido. Com certeza o chefe viria com o médico do seguro de saúde, repreenderia os pais por causa do filho preguiçoso e o privaria de todas as réplicas com base no parecer do médico, para quem, afinal de contas, só existem pessoas perfeitamente saudáveis, mas avessas ao trabalho. Ademais, estaria o médico neste caso tão errado assim? Gregor sentia-se na verdade muito bem, tirando aquela sonolência desnecessária depois do longo sono, e sentia até mesmo um apetite especialmente feroz.

Ele refletia sobre isso tudo na maior velocidade, sem sentir-se apto a sair da cama – o relógio acabava de marcar quinze para as sete –, e nesse momento bateram com cuidado na porta, perto da cabeceira de sua cama. “Gregor”, chamou uma voz – era a mãe –, “são quinze para as sete. Você não tinha de partir?”. A doce voz! Gregor assustou-se ao ouvir sua voz respondendo, sem dúvida que era sua antiga voz, mas nela se misturava um piado irrefreável e sofrível, como se viesse de baixo, que só no primeiro momento deixava as palavras literalmente claras, para depois destruir de tal modo o seu ressoar, a ponto de não se saber se tinham sido ouvidas direito. Gregor gostaria de ter respondido com detalhes e explicado tudo, no entanto, sob essas circunstâncias, limitou-se a dizer: “Sim, sim, obrigado, mãe, já estou me levantando”. Por causa da porta de madeira, a alteração na voz de Gregor provavelmente não podia ser percebida lá fora, pois a mãe se contentou com a explicação e afastou-se, arrastando suas pantufas. Em virtude dessa rápida conversa, contudo, os outros membros da família ficaram atentos ao fato de que Gregor, contra as expectativas, ainda estava em casa, e já foi o pai batendo numa porta lateral, de jeito moderado, mas com o punho. “Gregor! Gregor!”, chamou,

“o que houve?”. E, após uma pequena pausa, advertiu novamente, com voz mais grave: “Gregor! Gregor!”. E na outra porta lateral interrogava baixinho a irmã: “Gregor? Você não está bem? Está precisando de alguma coisa?”. Gregor respondeu para ambas as direções: “Já estou pronto”, e esforçou-se para evitar a atenção sobre sua voz, caprichando numa pronúncia mais cuidadosa e entremeando longas pausas entre as palavras isoladas. O pai retornou então para seu café da manhã, mas a irmã sussurrou: “Gregor, abra a porta, eu imploro”. Gregor, ainda assim, não tinha a menor intenção de abri-la, pelo contrário, ele louvava o cuidado adquirido nas viagens de manter todas as portas trancadas durante a noite também em casa.

A primeira coisa que queria era levantar-se com calma e sem chateação, trocar de roupa e sobretudo tomar seu café da manhã, e somente depois considerar o resto, pois estava ciente de que na cama não chegaria a nenhuma conclusão racional a partir de suas reflexões. Não raras vezes na cama, como se lembrou, chegou a sentir dores leves, talvez devido a posições desajeitadas ao deitar-se, mas depois, ao levantar-se, constata-tava ter sido mera ilusão. Estava curioso para ver como suas imaginações de hoje se dissipariam de

pouco em pouco. Que a alteração na voz não era nada mais que o prenúncio de um resfriado potente – a doença funcional dos viajantes –, disso não tinha a menor dúvida.

Jogar para o lado a coberta foi bem fácil – só precisou inflar-se um pouco para que ela caísse por conta própria. A partir daí, entretanto, as coisas tornaram-se difíceis, especialmente por causa de sua largura extraordinária. Teria precisado de braços e mãos para se levantar, mas em lugar disso ele tinha somente as múltiplas perninhas, em movimentos diversos e ininteruptos que ele não conseguia controlar. Se a sua intenção fosse dobrar uma delas, então ela seria a primeira a se esticar. E se conseguisse por fim realizar com essa perna o que queria, nesse meio-tempo todas as outras trabalhariam soltas, como se tivessem sido libertadas, na mais elevada e dolorosa excitação. “Não há motivo para ficar aqui inútil na cama”, disse Gregor a si mesmo.

Gregor quis primeiro sair da cama com a parte inferior de seu corpo, que, aliás, ainda não tinha visto e da qual não fazia uma ideia precisa, mas ela mostrou-se difícilíssima de ser movida, era muito vagarosa. E no instante em que ele se tornou por fim quase selvagem, com suas forças

reunidas e sem nada a considerar, arrojou-se à frente e, como tinha escolhido a direção errada, bateu violentamente contra os pés da cama. A dor ardente que sentiu lhe provou que a parte inferior de seu corpo era talvez a mais sensível no momento.

Por isso tentou então tirar da cama a parte superior de seu corpo e girou com cuidado a cabeça para a beirada do colchão. Essa manobra foi fácil de fazer, e, apesar de sua largura e de seu peso, a massa corporal enfim acompanhou lentamente o giro da cabeça. Ao sustentar afinal a cabeça pendurada fora da cama, teve medo de continuar avançando desse modo, pois, se ele se deixasse cair, só mesmo acontecendo um milagre para que a cabeça não se ferisse. E justamente agora ele não poderia, a nenhum preço, perder os sentidos. Preferia continuar na cama.

Mas, depois de novo esforço similar, ficou deitado como antes, suspirando, e viu suas perninhas outra vez lutarem entre si, talvez ainda mais irritadas, e não encontrou um modo de apaziguá-las e de deixar em ordem aquela arbitrariedade. E disse novamente a si mesmo que era impossível permanecer na cama e que o mais sensato seria sacrificar tudo o que fosse necessário, caso houvesse a mínima esperança de com

isso se libertar do leito. Porém, ao mesmo tempo, não se esqueceu de lembrar a si mesmo que uma reflexão serena, a mais serena reflexão, seria muito melhor do que decisões desesperadas. Nesses momentos direcionava o olhar para a janela, do modo mais preciso possível, mas a visão do nevoeiro matutino que acobertava até o outro lado da rua estreita infelizmente lhe trazia pouco ânimo e confiança. “Já são sete horas!”, disse a si mesmo quando tocou de novo o despertador, “sim, já são sete horas e ainda continua essa neblina”. E por um minutinho ficou quieto, deitado, com a respiração leve, como se esperasse talvez do silêncio absoluto o retorno das circunstâncias reais e autoexplicativas.

E então disse a si mesmo: “Antes de bater sete e quinze, preciso a todo custo já ter saído completamente da cama. Além do mais, virá alguém do escritório até aqui para perguntar por mim, pois a loja abre antes das sete horas”. E começou então a balançar todo o corpo, em ritmo regular, para fora da cama. Se caísse desse modo da cama, é provável que não machucaria a cabeça, a qual ele intencionava levantar abruptamente durante a queda. Suas costas pareciam duras. Imaginou que nada aconteceria a elas com a queda no tapete. Sua maior inquietação dizia respeito ao grande barulho que

sem dúvida faria e à preocupação, quando não o susto, que possivelmente suscitaria atrás das portas. No entanto, isso teria de ser arriscado.

Gregor, ao conseguir deixar metade do corpo suspenso fora da cama - o novo método estava mais para uma brincadeira do que para um esforço, ele precisava somente balançar-se de costas, sem parar -, pensou em como seria tão simples se alguém viesse ajudá-lo. Bastavam duas pessoas fortes - pensou em seu pai e na criada. Eles apenas enfiariam os braços sob as costas arredondadas para tirá-lo da cama, virariam-no com o peso de seu próprio corpo e precisariam apenas aguardar com atenção para que ele completasse o pulo para o chão, onde suas perninhas esperançosamente ganhariam um sentido. Bem, se abstraíssemos do fato de que as portas estavam trancadas, será que ele teria realmente pedido ajuda? Apesar de toda a aflição, ele não conseguiu reprimir um riso quando lhe ocorreu esse pensamento.

Ele já estava a tal ponto que mal conseguia equilibrar-se quando se agitava mais vigorosamente, e muito em breve teria de tomar uma decisão radical, pois daí a cinco minutos seriam sete e quinze. Foi quando soou a campainha da porta de casa. “É alguém do escritório?”, perguntou a

si mesmo, e quase paralisou, ao passo que suas perninhas dançavam ainda mais freneticamente. Por um momento foi um silêncio total. “Eles não abrirão”, disse Gregor a si mesmo, capturado em uma espécie de esperança sem sentido. Mas, como era de costume, a empregada dirigiu-se à porta, em passos firmes, e abriu-a. Bastou a Gregor ouvir apenas a primeira palavra de saudação do visitante para reconhecer quem era: o próprio gerente. Qual o motivo de Gregor ser condenado a servir em uma firma na qual, diante da menor negligência, levantava-se extrema suspeita? Os funcionários, será que eram todos meros vagabundos? Será que não havia entre eles alguém fiel e dedicado que, ainda que tivesse deixado de usar algumas horas da manhã em benefício da firma, tenha ficado louco pelo peso de sua consciência e, agora, não tivesse condições de abandonar a cama? Será que não bastaria mandar um aprendiz, caso esse interrogatório fosse realmente necessário? Precisava vir aqui o próprio gerente? E precisava com isso ser mostrado para toda a inocente família que a investigação dessa ocorrência suspeita só podia ser confiada ao juízo do gerente? E mais por causa da inquietação produzida por esses pensamentos do que pelo resultado de uma decisão

acertada, Gregor jogou-se com toda a potência para fora da cama. Foi um baque grande, mas não propriamente um estrondo. O tapete amorteceu um pouco a queda, e as costas também eram mais elásticas do que pensara Gregor. Foi, portanto, um ruído abafado, que não chamou muita atenção. Só não conseguiu sustentar a cabeça de forma suficientemente cautelosa e acabou batendo-a. De raiva e dor, girou a cabeça e a esfregou no tapete.

“Caiu alguma coisa lá dentro”, disse o gerente no quarto ao lado, à esquerda. Gregor tentou imaginar se algo como o que tinha ocorrido com ele hoje não poderia um dia acontecer, por exemplo, com o gerente. Era preciso admitir de fato essa possibilidade. Porém, numa espécie de resposta crua a essa questão, o gerente deu agora alguns passos com determinação no quarto ao lado, fazendo ranger suas botas de verniz. Do quarto à direita, a irmã sussurrou para informar Gregor: “Gregor, o gerente está aqui”. E Gregor disse a si mesmo: “Eu sei”, mas não se atreveu a levantar muito a voz a ponto de ser escutado pela irmã.

“Gregor”, falou então o pai, do cômodo à esquerda, “o senhor gerente veio aqui e está indagando por que você não foi no trem da manhã.

Não sabemos o que dizer a ele. E, além disso, ele quer falar com você pessoalmente. Então, por favor abra a porta. Ele terá a bondade de desculpar a bagunça no quarto”. O gerente interrompeu de modo amigável: “Bom dia, sr. Samsa”. Enquanto o pai ainda falava à porta, a mãe falou ao gerente: “Ele não está se sentindo bem, não, não está mesmo se sentindo bem, senhor gerente, por favor acredite em mim. Se não fosse isso, como Gregor perderia o trem? O jovem não tem outra coisa na cabeça a não ser o trabalho. Eu quase me irrita com isso, pois ele nunca sai à noite; agora mesmo esteve oito dias na cidade, mas todas as noites passou em casa. Sentava-se à mesa conosco e ficava quieto lendo o jornal ou estudando os horários de trens. Já é uma distração para ele ocupar-se com trabalhos de carpintaria. Ao longo de duas ou três noites, por exemplo, ele entalhou uma pequena moldura. O senhor ficará admirado com a beleza dela. Está pendurada aí dentro do quarto. O senhor vai vê-la assim que Gregor abrir a porta. A propósito, senhor gerente, estou satisfeita com a presença do senhor. Sozinhos aqui não conseguiríamos fazer Gregor abrir a porta, pois ele é tão teimoso. Com certeza não está bem, apesar de ter mentido de manhã”. Vagaroso e ponderado, disse

Gregor: “Já estou indo”, cuidando-se em não se mover para que não perdesse uma única palavra da conversa. E o gerente disse: “Não posso entender de outra maneira, minha senhora, tomara que não seja nada grave. Embora, por outro lado, eu tenha de dizer que comerciantes como nós - infelizmente ou felizmente, como se queira - por razões comerciais, temos de, com frequência, simplesmente superar um leve mal-estar”. E o pai perguntou, impaciente: “Então, o senhor gerente já pode entrar aí no seu quarto?”, e bateu de novo à porta. “Não”, disse Gregor. No quarto ao lado, à esquerda, ocorreu um silêncio constrangedor, no quarto à direita a irmã começou a soluçar.

Por que a irmã não se dirigia aos demais? Provavelmente ela havia acabado de levantar-se da cama e nem tinha começado a se trocar. Mas por que chorava? Seria por ele não ter se levantado nem permitido que o gerente entrasse? Seria pelo risco que ele corria de perder o emprego e, com isso, o chefe passar a perseguir os pais com aquelas dívidas antigas? Essas eram preocupações por ora desnecessárias. Gregor continuava ali, e estava longe de pensar em abandonar a família. No momento, achava-se deitado no tapete, e, se alguém soubesse de seu

estado atual, jamais lhe exigiria que deixasse o gerente entrar. Essa pequena indelicadeza, no entanto, para a qual se arranjaría facilmente uma desculpa cabível, não poderia ser motivo para uma demissão imediata de Gregor. E a Gregor parecia muito mais sensato que o deixassem em paz agora, em vez de importuná-lo com choro e persuasões. Mas era justamente a incerteza que os ameaçava e justificava aquele comportamento.

“Sr. Samsa”, chamou agora o gerente com voz mais exaltada, “o que está acontecendo? O senhor fica aí embarricado no seu quarto, respondendo apenas sim e não, traz preocupações desnecessárias e graves para os seus pais e - diga-se de passagem - negligencia suas obrigações comerciais de um modo simplesmente vergonhoso. Falo aqui em nome dos seus pais e do seu chefe, e peço-lhe com toda a seriedade uma explicação imediata e límpida. Estou espantado, estou espantado. Eu acreditava que o conhecesse como um homem tranquilo e sensato, e aí de repente o senhor parece começar a querer desfilas com um humor esquisito. O chefe chegou até a insinuar esta manhã uma possível explicação para a sua ausência - relacionada a um pagamento à vista que o senhor recebeu

recentemente -, mas eu quase lhe dei minha palavra de honra no sentido de que essa não era uma explicação adequada. Agora, porém, vendo aqui a sua incompreensível caturrice, perco por completo qualquer vontade de intervir minimamente a seu favor. E olha que a sua posição não é, digamos, das mais seguras. Minha intenção inicial era lhe dizer tudo isso a sós, mas, como o senhor me faz perder inutilmente o meu tempo, não vejo por que poupar os senhores seus pais dessas informações. Seu serviço nos últimos tempos não tem sido muito satisfatório. Não é de fato a melhor época do ano para se fazerem excelentes negócios, isso nós reconhecemos, mas uma época em que não se faz nenhum negócio não pode haver, sr. Samsa, isso definitivamente não pode haver”.

“Mas, senhor gerente”, gritou Samsa fora de si, exasperado, esquecendo todo o resto, “vou abrir já, num instante. Um leve mal-estar, um acesso de tonteira, impediu-me de me levantar. Continuo ainda deitado na cama. Mas agora já estou me sentindo completamente bem de novo. Já estou saindo da cama. Só um momentinho de paciência! Não está tudo tão bem assim como eu pensava. Mas já estou bem. Como uma coisa dessas pode simplesmente pegar uma pessoa

de surpresa? Ontem à noite estava tudo muito bem comigo, meus pais estão de prova, ou melhor, ontem à noite tive já um pequeno sintoma. Deveriam ter notado isso em mim. Por que foi que não avisei na empresa? Mas sempre pensamos que vamos superar a doença sem necessariamente ter de ficar em casa. Senhor gerente, poupe meus pais! Não há razão para essas acusações que o senhor está me fazendo; não me foi dito nada sobre isso. Talvez o senhor não tenha lido os últimos pedidos de encomendas que enviei. Seja dito de passagem, ainda vou pegar o trem das oito, essas poucas horas de descanso me fortaleceram. Não tem necessidade de ficar esperando, senhor gerente. Logo estarei pessoalmente no escritório, e tenha a gentileza de dizer isso ao senhor chefe com as minhas melhores recomendações”.

E enquanto Gregor soltava tudo isso às pressas e quase sem saber o que falava, aproximou-se da cômoda com alguma facilidade, talvez por causa do exercício anterior praticado na cama, e tentou erguer-se apoiado nela. Queria de fato abrir a porta, queria de fato ser visto e conversar com o gerente. Estava ansioso para saber o que os outros, que tanto estavam exigindo sua presença, diriam ao vê-lo naquele aspecto.